

Consciencioterapia de Grupo: Proposta de Contextualização

Group Conscientiotherapy: Proposal of Contextualization

Conciencioterapia de Grupo: Propuesta de Contextualización

Leonardo Paludeto*

* Psicólogo. Voluntário da Organização Internacional de Consciencioterapia (OIC).

leonardo@evolui.com.br

Palavras-chave

Autoconsciencioterapia
Consciencioterapia
Conviviologia
Grupalidade
Grupocarmalidade

Keywords

Coexistence
Conscientiotherapy
Groupality
Groupkarmality
Self-conscientiotherapy

Palabras-clave

Autoconciencioterapia
Conciencioterapia
Conviviología
Grupalidad
Grupocarmalidad

Resumo:

O artigo aborda as particularidades da Consciencioterapia de Grupo com o objetivo de apresentar proposta de sistematização inicial da caracterização, indicações, fenômenos, casuística e resultados observados sobre essa modalidade consciencioterápica. Este trabalho baseia-se em pesquisa bibliográfica, registro e análise das experiências realizadas em atuações da Organização Internacional de Consciencioterapia (OIC), algumas com participação deste autor, outras relatadas por outros consciencioterapeutas. A sinergia grupal é a hipótese utilizada para justificar porque a abordagem de grupo pode construir resultados terapêuticos e paraterapêuticos efetivos. Conclui-se que é importante passar pelas etapas da Consciencioterapia em ambiente grupal, pois ela possibilita praticar intensamente as mudanças nos relacionamentos ainda durante as sessões consciencioterapêuticas, aumentando as chances de efetivar as recins no dia-a-dia.

Abstract:

The article addresses details of Group Conscientiotherapy in order to propose initial systematization of the characteristics, indications, phenomena, cases and results observed concerning this conscientiotherapeutic approach. The work is based on bibliography research, records and analysis of experiences learned from performances at the International Organization of Conscientiotherapy (OIC), some with the participation of the author, others reported by other conscientiotherapists. Group synergy is the hypothesis to explain why group approach may build effective paratherapeutic and therapeutic results. The study concludes that it is important to go through the stages of conscientiotherapy in a group environment, what makes possible intense practice of relationships modifications yet during the conscientiotherapeutic sessions, increasing the chances of effecting intraphysical recycling in daily life.

Resumen:

El artículo aborda las particularidades de la Conciencioterapia de Grupo con el objetivo de presentar una propuesta de sistematización inicial de la caracterización, indicadores, fenómenos, casuísticas y resultados observados sobre esta modalidad consciencioterápica. Este trabajo se basa en investigación bibliográfica, registro y análisis de las experiencias realizadas en actuaciones de la Organización Internacional de Conciencioterapia (OIC), algunas con participación de este autor, otras relatadas por otros consciencioterapeutas. La sinergia grupal es la hipótesis utilizada para justificar porque el abordaje de grupo puede construir resultados terapéuticos y paraterapêuticos efectivos. Se concluye ser importante pasar por las etapas de la Conciencioterapia en un ambiente grupal, posibilitando practicar intensamente las mudanzas en los relacionamientos aún durante las sesiones consciencioterapêuticas, aumentando las chances de efectivizar las recins en el día a día.

INTRODUÇÃO

Personalidade. A formação da personalidade se dá através da convivência em grupo, na qual desde o início da vida humana, os pais exercem influências sociais ao cuidar e educar as crianças (SCHUTZ, 1989, p. 25). Esse é o primeiro grupo do histórico pessoal na atual vida intrafísica.

Multiexistencialidade. O paradigma consciencial (VIEIRA, 1999, p. 22), base para a Consciencioterapia, propõe a existência de múltiplas vidas anteriores à atual. Com isso, considera-se a diversidade de experiências anteriores da consciência em famílias, sociedades e culturas diferentes. A personalidade atual de cada consciência intrafísica é resultado de ações e reações em múltiplos grupos nas múltiplas vivências anteriores (VIEIRA, 1994, p. 380).

Aprendizado. As interações grupais são fontes de aprendizado. Ao observar os comportamentos e habilidades, a consciência pode passar a imitá-los e depois desenvolvê-los em seu próprio repertório. A vida em grupo passa, então, a funcionar ao modo de matriz influenciadora na formação dos comportamentos, atitudes, habilidades, manifestações e atributos conscienciais.

Consciexes. Os grupos de consciências extrafísicas também têm seus fenômenos particulares na convivência e na interação multidimensional. As afinidades pensênicas promovem de modo espontâneo afinizações, agrupamentos, coesão e dissolução de grupos extrafísicos. Esses grupos, ou consciexes isoladamente, interagem com grupos de conscins através de manifestações pensênicas, influenciando na dinâmica de grupos intrafísicos. Torna-se, então, necessário considerar processos multidimensionais de grupo.

Energias. Ao observar a dimensão energética da vida social através das parapercepções, percebem-se diversos fenômenos energéticos presentes no grupo. As relações não são somente físicas, mas também energéticas e holossomáticas. Os pensamentos e sentimentos presentes no grupo são influenciados pelas comunicações pensênicas intra e extrafísicas.

Terapia. A força das relações sociais é espontânea para promover os aprendizados, acontece naturalmente, mesmo sem se estar lúcido sobre ela. Essas influências podem ajudar a construir pensenes hígidos ou patológicos. Com o objetivo de desconstruir os pensenes patológicos e reconstruir pensenes hígidos, pode-se utilizar a mesma força social, porém através de processo monitorado, planejado e técnico. De modo intencional e lúcido, os consciencioterapeutas promovem intervenções utilizando a força das relações sociais.

Consciencioterapia. O conjunto de relações interconscienciais influenciadoras desde os primeiros anos de vida e de vidas anteriores é utilizada para promover o processo técnico através da Consciencioterapia de Grupo.

Objetivo. Este artigo visa apresentar proposta de sistematização da Consciencioterapia de Grupo.

Metodologia. A metodologia deste trabalho é a pesquisa bibliográfica de abordagens da Psicologia realizada desde 1998, da Conscienciologia desde 1997 e da Consciencioterapia desde 2004. As abordagens práticas foram registradas e analisadas a partir de experiências realizadas em atuações na Organização Internacional de Consciencioterapia (OIC) e do Núcleo de Assistência Integral à Consciência (NAIC), algumas com participação deste autor, outras relatadas por outros consciencioterapeutas. As experiências podem ser exemplificadas de acordo com 3 fontes básicas:

1. **Atendimentos.** Experiências de atendimentos regulares de grupo, ainda antes de 2003, quando a Consciencioterapia era praticada no Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC) através do NAIC.

2. **Cursos.** Cursos com abordagem de Consciencioterapia de Grupo, principalmente o curso “Autoprofilaxia Através da Autoconsciencioterapia na Prática”.

3. **Oficinas.** Abordagem de grupo em ambiente institucional com atuações nas seguintes Instituições Conscienciocêntricas: Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC) entre 2003 e 2004, INTERCAMPI em 2007 e EVOLUCIN em 2007.

Estrutura. Visando a apresentação da proposta de sistematização da Consciencioterapia de Grupo, organizou-se este trabalho nas seguintes seções:

1. **Definições.**
2. **Processos grupais.**
3. **Funcionamento do grupo.**
4. **Dinâmica consciencioterápica.**
5. **Casuística.**

DEFINIÇÕES

Definição. A *Consciencioterapia de Grupo* é a terapia integral das consciências em grupo, realizada através da abordagem das inter-relações sociais e parassociais com base no paradigma consciencial, visando o tratamento, o alívio ou a remissão de patologias e parapatologias conscienciais e grupais.

Etimológica. O vocábulo *consciência* vem do idioma Latim, *conscientia*, “conhecimento de alguma coisa comum a muitas pessoas; conhecimento; consciência; senso íntimo”, e este do verbo *conscire*, “ter conhecimento de”. Apareceu no Século XIII. O elemento de composição *terapia* vem do idioma Latim, *therapia*, derivado do idioma Grego *therapeía*, “cuidado, atendimento, tratamento de doentes”. O termo *grupo* vem do idioma Italiano, *gruppo*, derivado do idioma Alemão, *kruppa*, “grupo”. O termo *grupo* surgiu em 1789.

Sinonímia: 1. Grupoconsciencioterapia. 2. Terapia conscienciológica de grupo. 3. Grupoterapia conscienciológica. 4. Omniterapia de grupo.

Antonímia: 1. Auto-ajuda em grupo. 2. Grupo de apoio. 3. Aconselhamento em grupo. 4. Dinâmica dos grupos; Psicologia dos Grupos; Psicoterapia de Grupo.

Psicoterapia. Importante considerar a Consciencioterapia de Grupo com mais amplitude de atuação em relação à Psicoterapia de Grupo. Ao considerar a realidade multidimensional, holossomática e multiexistencial, tem-se mais variáveis a serem trabalhadas. O campo grupal é entendido enquanto realidade onde interagem conscins e consciexes, as dimensões física e extrafísica, matéria e energia. Portanto, o processo consciencioterápico de grupo apresenta necessidade de extrapolação em relação às técnicas da ciência convencional nos trabalhos com grupos.

Níveis. O atendimento em grupo apresenta vários focos possíveis para se trabalhar. De acordo com Moscovici (1996, p. 168), o desenvolvimento de habilidades em grupo pode ser orientado em 3 níveis: individual, grupal e organizacional.

Abordagem. A Consciencioterapia de Grupo pode ser aplicada com 6 abordagens distintas em relação ao foco, dispostas a seguir na ordem crescente de abrangência, segundo proposta deste autor:

1. **Intraconsciencial.** Na abordagem intraconsciencial, o foco são as patologias e parapatologias individuais, porém tratadas em grupo. Exemplo: participante resolve seu problema de timidez através de técnicas de exposição no grupo.

2. **Interconscienical.** Na abordagem interconscienical, o foco são as patologias e parapatologias dos relacionamentos. Cada participante também faz a própria terapia, porém com o objetivo de melhorar as inter-relações. Exemplo: os participantes resolvem o problema da falta e distorção de comunicação entre si.

3. **Intragrupal.** Na abordagem intragrupal, o foco são as patologias e parapatologias do próprio grupo tratado enquanto “todo”, comparando-se com um organismo, com seus fenômenos grupais particulares. Exemplo: o grupo resolve o problema da falta de integração entre os participantes promovendo identidade comum e coesão.

4. **Intergrupal.** Na abordagem intergrupal, o foco são as patologias e parapatologias das relações entre grupos. Ambos os grupos são trabalhados simultaneamente e em um mesmo contexto. Exemplo: dois grupos resolvem seus problemas de contrariedade mútua.

5. **Intra-institucional.** Na abordagem intra-institucional, o foco são as patologias e parapatologias da própria instituição, tratada enquanto grupo com identidade formal – o grupo é formalizado na instituição. Exemplo: a instituição resolve a indefinição do matersense institucional e mecanismos geradores de fuga dos propósitos da proéxis grupal.

6. **Inter-institucional.** Na abordagem inter-institucional, o foco são as patologias e parapatologias das relações entre instituições (grupos formais institucionalizados). As instituições são trabalhadas simultaneamente e em um mesmo contexto. Exemplo: duas instituições resolvem problemas de conflitos de interesses geradores de problemas de relacionamentos.

Progressão. A Consciencioterapia Grupal se dá com abrangência progressiva. Para fazer a consciencioterapia de um item, é necessário realizar ao menos parcialmente também os itens anteriores. Por exemplo, para solucionar problema intragrupal (item 3), é necessário atender a intra e a interconscienicalidade (itens 1 e 2).

Exemplos. Eis 10 exemplos de tipos de grupos suscetíveis à intervenção da Consciencioterapia de Grupo, dispostos na ordem alfabética:

01. Casais.
02. Comunidades.
03. Empresas conscienciológicas.
04. Empresas convencionais.
05. Famílias.
06. Grupos formais.
07. Grupos informais.
08. Instituições conscienciocêntricas.
09. Organismos conscienciocêntricos em geral.
10. Organizações não-governamentais (ONGs).

Extrapolação. Apresenta-se aqui a hipótese da atuação mais abrangente de consciências evoluídas atuando consciencioterapeuticamente em grupos de dimensões mais amplas. Pode-se extrapolar e pensar na possibilidade de atuação da Consciencioterapia de Grupo em cidades, países, continentes e até mesmo planetas.

Social. Ao expandir a visão do trabalho consciencioterápico com grupos de médio porte, a Consciencioterapia pode ter nova área de atuação: a Consciencioterapia Social. Essa seria a atuação em grupos com enfoque social promotor do desenvolvimento das relações sociais, gerando a evolução de determinada comunidade.

Características. A fim de contribuir para a caracterização da Consciencioterapia de Grupo, é preciso realizar cotejo com a Consciencioterapia Individual, já mais conhecida e estabelecida. Importa considerar as características típicas de cada tipo para discernir qual a escolha mais adequada. Eis comparativo entre a atuação individual e a de grupo:

Tabela 1. Características da Consciencioterapia Individual e de Grupo

Nº	Característica	Individual	Grupo
1.	Aprofundamento	Maior profundidade na autoconsciencioterapia individual.	Menor profundidade na autoconsciencioterapia individual.
2.	Casuística	Trabalha com o caso pessoal do evoluciente e outros casos descritos pelos consciencioterapeutas.	Trabalha com casos dos evolucientes do grupo e os apresentados pelos consciencioterapeutas.
3.	Experimentações	Experimentações do evoluciente agindo consigo mesmo, com equipe extrafísica e com consciencioterapeutas.	Os experimentos são enriquecidos com possibilidade de interação com vários outros participantes do grupo.
4.	Motivação	A motivação para as recins é influenciada pelas intervenções dos consciencioterapeutas e pelas realizações pessoais.	A motivação para as recins é influenciada pelas intervenções dos consciencioterapeutas, realizações pessoais e dos vários participantes, podendo gerar movimento de “contaminação positiva”.
5.	Nivelamento	O evoluciente tem abordagens específicas para seu caso e tende a nivelar a autoconsciencioterapia “por cima”, ou seja, com maior profundidade na maioria do tempo do atendimento.	Os evolucientes, em grupo, têm abordagens compartilhadas e tendem a nivelar a autoconsciencioterapia “por baixo”, ou seja, com menor profundidade na maioria do atendimento. Para superar essa dificuldade é necessário alinhar todos no mesmo foco produtivo (sinergia).
6.	Personalização	Intervenções e técnicas são direcionadas à demanda individual, promovendo maior personalização.	Intervenções e técnicas são direcionadas às várias demandas do grupo, trazendo menos personalização.
7.	Vínculo	A construção do vínculo terapêutico entre evoluciente e consciencioterapeutas é relativamente rápida e mais fácil administrar.	A construção do vínculo entre todos os participantes e consciencioterapeutas leva mais tempo, é mais difícil de administrar.

Demanda. Dependendo da demanda e dos objetivos, o contexto do trabalho em grupo pode ser mais ou menos adequado. Já houve casos em que o evoluciente em grupo trabalhou muito bem suas questões adequadas para aquele momento e, posteriormente, decidiu optar por iniciar consciencioterapia individual. O caminho inverso também já foi observado. A adequação de uma ou outra abordagem depende da decisão pessoal e da indicação técnica dos consciencioterapeutas.

Indicações. Ao modo de sintomas, indica-se a conscienciaterapia de grupo para os momentos nos quais se observem as seguintes 11 ocorrências, na ordem alfabética:

01. **Comunicação.** Interações com comunicação truncada, mal entendidos geradores de constantes crises.
02. **Conflitos.** Interações conflituosas entre os participantes ou entre grupos.
03. **Descomprometimento.** Falta de comprometimento com os propósitos do grupo.
04. **Epicentrismo.** Dificuldade crônica para aceitação e efetivação de líderes.
05. **Feedback.** Dificuldade para dar e receber *feedback*.
06. **Fofocas.** Ambiente contaminado com fofocas, gerando desagregação no grupo.
07. **Isolamento.** Sensação de isolamento dos participantes do grupo. Mesmo estando juntos, cada um parece pensar somente em si mesmo.
08. **Mal-estar.** Sentimento de mal-estar generalizado, no qual os integrantes do grupo não se sentem à vontade para interagir uns com os outros.
09. **Materpensene.** Dispersão de ações com ignorância, falta de consenso ou negação quanto ao materpensene grupal.
10. **Motim.** Tentativas de destituir o líder do grupo.
11. **Separatismo.** Movimento de separatismo de parte do grupo.

PROCESSOS GRUPAIS

Fenômenos. A conscienciaterapia de grupo apresenta processos particulares e diferenciados do atendimento individual. Há vários fenômenos grupais resultantes da interação dos participantes. Também ocorrem situações nos quais as patologias individuais podem influenciar o grupo a ponto de este reproduzir os mecanismos patológicos individuais (WEIL, 2002, p. 96). Porém, interessa aqui identificar o funcionamento e características próprias do grupo.

Paranatomia. Em analogia à anatomia biológica, na qual se busca conhecer a morfologia do corpo humano, há também a paraanatomia grupal. Nesta o grupo é estudado com a identificação dos componentes e respectivas posições na interação intra e extrafísica.

Parafisiologia. Ao identificar a estrutura do grupo, torna-se importante também entender como interagem as partes. Também em analogia à fisiologia biológica, há a parafisiologia grupal, na qual se pode mapear as interações entre os envolvidos no grupo.

Parassociometria. A ferramenta mais específica para realizar a anatomia completa do grupo é a Parassociometria (PALUDETO, 2006, p. 318). Essa técnica permite demonstrar padrões de arranjo entre os participantes de grupos. A Sociometria, proposta por Jacob Levy Moreno (1999, p. 33), é ampliada a ponto de estudar variáveis multidimensionais.

Experimentações. O entendimento numérico e gráfico proporcionado por ferramentas parassociométricas pode ser complementado com experimentações práticas ao modo de dinâmicas grupais, simulações, *role-plays*, psicodramas, parapsicodramas, onirodramas, projeciódramas e outras técnicas vivenciais.

FUNCIONAMENTO DO GRUPO

Funcionamento. O grupo apresenta, desde a formação até a dissolução, aspectos resultantes das inter-relações a serem considerados em abordagem conscienciaterápica.

Formação. O grupo formado para Consciencioterapia de Grupo tem afinidade por aspectos comuns entre os participantes. Pode ser por pertencerem à mesma instituição (mais fácil identificar afinidades) ou por terem demandas afins (VIEIRA, 2007, p. 1.231). Mesmo nos cursos abertos, nos quais os participantes não se conhecem, a afinização pensênica leva o grupo a se formar com aspectos parecidos a serem trabalhados.

Vínculos. Os vínculos são estabelecidos a partir das afinidades entre os integrantes. Nesses vínculos, em geral, é possível estabelecer diagnósticos preliminares e, também, perceber forças impulsionadoras do processo terapêutico. “Panelinhas” fechadas podem promover maior resistência, pois os participantes podem se unir para se defender e se justificar. Por outro lado, a comunicação aberta e sincera catalisa os enfrentamentos necessários.

Interprisão. Com o passar do tempo, percebem-se as interprisões no grupo. Acontecimentos passados levam as conscins a ficarem com pendências a serem resolvidas. Isso pode ser percebido através de diversas situações, até mesmo em discordâncias persistentes entre participantes. Incômodos ou semelhanças mútuas podem fazer transparecer a interprisão.

Afinidades. Afinidades podem se estabelecer pela patologia ou pela saúde. Dependendo dos conteúdos históricos, das relações e predisposições anteriores, constrói-se no grupo verdadeira rede de interprisões e afinidades a serem trabalhadas para, em alguns momentos, desarmá-las ou utilizá-las para promover saúde.

Identidade. Resultante das relações e afinizações grupais, surge a identidade do grupo. Em geral esta identidade demonstra o matersense do grupo e indica o foco a ser trabalhado. Ao analisar as incoerências entre a intenção (identidade, matersense, objetivos e valores existenciais) e a prática (manifestações realmente praticadas), pode-se identificar a demanda predominante no grupo.

DINÂMICA CONSCIENCIOTERÁPICA

Etapas. As etapas da autoconsciencioterapia (TAKIMOTO; & ALMEIDA, 2002, p. 25) se aplicam também na Consciencioterapia de Grupo. Em todas as etapas podem ser realizadas abordagens mais direcionadas para a intra ou extraconsciencialidade. Eis as 4 etapas, dispostas na seqüência de aplicação:

1. **Auto-investigação.** As técnicas de auto-investigação são aplicadas para promover melhor autopercepção individual ou grupal. Pode-se aproveitar o contexto grupal e promover experimentos práticos e, depois, realizar intervenções para aproveitar as manifestações em grupo, enriquecendo e aprofundando o autoconceito. O *feedback* realizado com abordagem técnica contribui para promover expansão da compreensão do grupo em relação a si mesmo.

2. **Autodiagnóstico.** A partir da combinação da experimentação e da condução de análises em grupo, promove-se seqüência de conclusões e, em determinado momento, o autodiagnóstico prioritário da consciencioterapia do grupo. Podem-se aproveitar os vários autodiagnósticos individuais e levar o grupo a encontrar a matriz comum do diagnóstico a ser trabalhado.

3. **Auto-enfrentamento.** O contexto grupal permite realizar os enfrentamentos na prática de modo bastante eficaz, sem esperar para aplicar depois do atendimento. Já durante as sessões consciencioterapêuticas, promovem-se situações para fazer a mudança de comportamento necessária. Os enfrentamentos são realizados no próprio grupo, permitindo mais *feedbacks* e monitoramento do processo de mudança.

4. **Auto-superação.** Ao realizar os enfrentamentos necessários e estabilizar as mudanças práticas, surge conjunto de resoluções características da superação dos diagnósticos enfrentados. Experimenta-se

a sensação de tranquilidade dinâmica. A primener pode ser percebida no grupo junto com o sentimento de “empoderamento” – sente-se forte para buscar os próprios caminhos de modo autônomo. Com uso de técnicas, o grupo tem a chance de planejar os próximos enfrentamentos para consolidar e manter as mudanças.

Auto-imagem. A defesa da auto-imagem representa grande dificuldade a ser trabalhada na dinâmica consciencioterápica. Ao se ver diante de várias outras pessoas, é comum o participante realizar esforço para esconder seus tráfes. É preciso haver conscientização sobre os benefícios da exposição em grupo.

Feedback. Quando há interação e exposição, acontece a chance de dar e receber *feedback* dos consciencioterapeutas e dos outros participantes. Com isso, tem-se a chance de conhecer-se de modo mais realista e acessar informações novas a respeito de si mesmo (CARTWRIGHT & ZANDER, 1975, p. 157). Essa é a grande contribuição da vivência em grupo para a auto-investigação e os autodiagnósticos.

Espelho. As percepções interpessoais servem para alimentar a autopercepção. Pode-se fazer analogia com o espelho, onde todos os participantes vêem-se em todos.

Matriz. Ao construir seqüência de diagnósticos pessoais e grupais, chega-se ao foco do trabalho comum. Esse foco constitui a matriz do trabalho, na qual os aspectos intraconscientes reverberam nos interconscientes e grupais.

Acumpliamentos. Se os acumpliamentos entre os participantes não impedirem, a comunicação serve de ferramenta útil para promover contribuições entre todos para as resoluções grupocármicas.

Defesas. A atuação em grupo com intervenções técnicas dos consciencioterapeutas pode promover identificação de mecanismos de defesa do ego (VIEIRA, 2003, p. 323) impedidores do autoconhecimento e das recins. Após identificação, seguindo etapas da autoconsciencioterapia, utiliza-se o contexto grupal para promover enfrentamentos e superações desses mecanismos.

Saúde. Outro ganho na exposição pessoal é a “contaminação positiva” do grupo para o movimento pró-saúde. Através das abordagens realizadas, os participantes vão fazendo seus movimentos de resolução de problemas e esses exemplos alimentam a inspiração e a motivação para enfrentamentos e superações.

Sinergia. Em geral o grupo “nivela-se por baixo”, porém quando o processo é otimizado, consegue-se chegar a novas percepções enriquecidas através da interação grupal. Com isso pode-se experimentar o fenômeno da sinergia, com o resultado final maior que a simples soma das partes. Cada processo individual complementa, amplifica, esclarece, aprofunda os outros, facilitando a obtenção de novas idéias, diagnósticos, enfrentamentos e superações.

Diferencial. O fenômeno da sinergia é a justificativa para o maior gasto de tempo e a maior dificuldade de administrar o contexto da terapia grupal, pois pode-se demorar mais e ter mais trabalho, porém conseguem-se resultados com maior riqueza através da soma das percepções e idéias. Os processos e técnicas descritos neste artigo são úteis para diagnosticar e realizar intervenções com objetivo de se gerar sinergia no grupo.

Extrafísico. Os integrantes também têm a chance de aumento das parapercepções ao participarem de vivências nas quais todos contribuem e enriquecem as percepções individuais. Nesses casos, consegue-se amplificar as percepções para identificar as influências do grupo extrafísico interagindo com o intrafísico.

Dissolução. Na etapa final do trabalho de grupo ocorre a dissolução. Mesmo nas situações de “grupo natural” (participantes convivem juntos) a dissolução do contexto consciencioterápico acontece. Nesse momento são necessárias medidas para conscientizar o grupo das sensações de dependência dos consciencioterapeutas (“como vamos continuar sozinhos?”), perdas (“não vamos mais ter este espaço para falarmos dos nossos problemas?”) ou saudades antecipadas (“nem terminou e já estou com saudade de

fulano, sicrano...”). É importante promover estruturação necessária à continuidade do movimento de saúde grupal sem criar dependência.

CASUÍSTICA

Grupos. A OIC realiza diversas atividades de Consciencioterapia de Grupo. Eis 7 exemplos de atuação mais comuns, dispostos na ordem alfabética:

1. **Autoprofilaxia Através da Autoconsciencioterapia na Prática:** curso de 20 horas.
2. **Bioenergoterapia:** grupo regular semanal.
3. **Consciencioterapia Institucional:** atuação específica para cada necessidade.
4. **Curso para Formação de Consciencioterapeutas (CFC):** curso de periodicidade quinzenal com cerca de 6 meses de duração.
5. **Grafoconsciencioterapia:** grupo regular semanal.
6. **Programa de Aperfeiçoamento do Consciencioterapeuta (PAC):** grupo regular quinzenal.
7. **Programa de Desenvolvimento Autoconsciencioterápico (PDA):** grupo regular quinzenal.

Resultados. Eis alguns resultados comumente observados nos trabalhos com grupos:

1. **Acertos.** Acertos grupocármicos com os vários envolvidos.
 2. **Assistencialidade.** Aumento das ações e das habilidades para realizar a assistência em grupo.
- O próprio grupo aprende a se assistir e realizar a profilaxia.
3. **Desassédio.** Desassédio grupal gerando maior capacidade de sustentação.
 4. **Autoconsciencioterapia.** Intensificação da autoconsciencioterapia dos participantes e do próprio grupo.
 5. **Planejamento.** Grupo planeja as ações de enfrentamento e superação.

CONCLUSÃO

Sinergia. O trabalho em grupo exige uso coerente de metodologia criteriosa para promover de modo eficaz a autoconsciencioterapia. A correta potencialização dos recursos em grupo leva à saída da mediocrização e do nivelamento “por baixo” para promover contribuições e ganhos a partir da interação social e parassocial, levando à sinergia.

Vida. A dimensão intrafísica e, a rigor, a extrafísica também são espécie de laboratório consciencial de grupo permanente. Ao realizar a autoconsciencioterapia no contexto grupal, os participantes têm a chance de aprender a manter as ações no cotidiano também. Ao praticar e já iniciar as mudanças no contexto grupal, potencializam-se as chances de firmar as recins pessoais e grupais.

Autoconsciencioterapia. A autoconsciencioterapia também é trabalho grupal. De nada adianta alguém querer se isolar e fazer somente a terapia em si mesmo. Todas as etapas dependem das inter-relações, por isso a vivência consciencioterápica em grupo, explorando a dimensão social e parassocial, qualifica as habilidades de ser terapeuta de si mesmo.

Adequação. A abordagem de atendimento individual ou grupal depende dos objetivos, contextos, necessidades e demandas de cada caso. Não há uma indicação definitiva de qual abordagem é mais indicada, isso depende da situação.

REFERÊNCIAS

01. **Cartwright**, Dorwin; & **Zander**, Alvin Frederick; *Dinâmica de Grupo*; trad. Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite; 422 p.; 6 caps.; 1 índice; 6 refs.; 20,5 x 13,5 x 3 cm; br.; 3ª reimp; *Editora da Universidade de São Paulo*; São Paulo, SP; 1975.
02. **Moreno**, Jacob Levy; *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*; 374 p.; 6 caps.; 1 índice; 60 refs.; 22,5 x 15,5 x 1,7 cm; br; 3ª Ed. Revisada; *Livro Pleno*; Campinas, SP; 1999.
03. **Moscovici**, Fela; *Desenvolvimento Interpessoal: Treinamento em Grupo*; 276 p.; 16 caps.; 1 índice; 56 refs.; 21 x 14 x 1,5 cm; br.; 5ª Ed.; *José Olympio Editora*; Rio de Janeiro, RJ; 1996.
04. **Paludeto**, Leonardo; *Parassociometria: A Comunidade e seus Agentes*; Artigo; *Conscientia*; Revista; Trimestral; Edição Especial: *I Fórum do Estado Mundial – 17 a 19 de Fevereiro de 2006*; Vol. 10; N. 4; *Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC)*; Out./Dez.; 2006; Foz do Iguaçu, PR.
05. **Schutz**, Will; *Profunda Simplicidade: Uma Nova Consciência do Eu Interior*; trad. Maria Sílvia Mourão Netto; 198 p.; 19 caps.; 81 refs.; 20,5 x 14 cm; br.; 2ª Ed.; *Ágora*; São Paulo, SP; 1989.
06. **Takimoto**, Nario; & **Almeida**, Roberto; *Conscientiotherapy: A Clinical Experience of the Nucleous of Integral Assistance for the Consciousness*; In: *Proceedings of the 3rd. International Congress of Projectiology and Conscientiology*; *Journal of Conscientiology*; Vol. 4; N. 15S ; Supplement; IIPC; New York; EUA; 16-19/May/2002; páginas 21-41.
07. **Vieira**, Waldo; *700 Experimentos da Conscienciologia*; 1.058 p.; 700 caps.; 300 testes; 8 índices; 2 tabs.; 600 enus.; ono.; 5.116 refs.; geo.; glos. 280 termos; 147 abrevs.; alf.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; *Instituto Internacional de Projeciologia*; Rio de Janeiro, RJ; 1994.
08. **Idem**; *Enciclopédia da Conscienciologia*; revisores: Equipe de Revisores do Holociclo – CEAEC; 772 p.; abrevs.; 1 biografia; 1 CD-ROM; 240 contrapontos; cronologias; 35 E-mails; 4 endereços; 961 enus.; estatísticas; 2 filmografias; 1 foto; 240 frases enfáticas; 5 índices; 574 neologismos; 526 perguntas; 111 remissiologias; 12 siglas; 12 sites; 15 tabs.; 6 técnicas; 201 refs.; 1 apênd.; alf.; estrang.; ono.; tab. 28 x 21 x 4 cm; enc.; Ed. Protótipo – Avaliação das Tertúlias; *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC)*; & *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2006.
09. **Idem**; *Homo sapiens reurbanisatus*; 1.584 p.; 479 caps.; 139 abrevs.; 40 ilus.; 7 índices; 102 sinopses; glos. 241 termos; 7.653 refs.; alf.; geo.; ono.; 27 x 21 x 7 cm; enc.; 3ª. Ed.; *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC)*; Foz do Iguaçu, PR; 2004; páginas 136, 259, 471, 548, 549 e 808.
10. **Idem**; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; 1.248 p.; 525 caps.; 43 ilus.; 5 índices; 1 sinopse; 2.041 refs.; glos. 300 termos; 150 abrevs.; geo.; ono.; alf.; 5ª. Ed. revisada e ampliada; 27 x 21 x 7 cm; enc.; *Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia*; Rio de Janeiro, RJ; 1999; páginas 252, 253, 434, 477, 497, 580 e 945.
11. **Weil**, Pierre; *Dinâmica de Grupo e Desenvolvimento em Relações Humanas*; 232 p.; 14 caps.; 1 índice; 21 x 14 cm; br.; *Editora Itatiaia*; Belo Horizonte, MG; 2002.

